

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo

Class.: 113

Data: 17.05.81

Pg.: 24

Xavantes atacam mais 3 fazendas de Mato Grosso

LÚCIO CESAR TADEU
Enviado especial

Os guerreiros xavantes da aldeia Dom Bosco, reserva de Sangradouro, no Mato Grosso, atacaram mais três fazendas que, segundo eles, invadiram terras de sua reserva com o consentimento da Funai — o maior alvo da guerra deflagrada há cerca de 20 dias pelos índios. Como no primeiro ataque, segunda-feira da semana passada, desta vez também não houve vítimas. O ataque ocorreu sexta-feira pela

manhã, depois de os índios terem pernoitado, perto da sede da fazenda Lança, e obrigou os fazendeiros a abandonar suas terras.

Os xavantes atacaram mesmo sabendo que as fazendas estavam sendo guardadas por soldados da Polícia Militar de Cuiabá, chamados pela Funai para evitar choque entre brancos e índios. Foi a própria polícia, inclusive, que se transformou em mediadora do conflito, evitando a luta — mesmo depois de o coronel Anael Lemos, assessor

direto do coronel João Carlos Nobre da Veiga, presidente da Funai, ter discutido violentamente com o cacique dos xavantes em guerra, João Evangelista Babatire, além de fazer ameaças de prisão aos índios e jornalistas que acompanhavam o desenvolvimento da crise.

O objetivo da luta dos índios é conseguir a incorporação de 36 mil hectares de terras que margeiam o rio das Mortes à sua reserva, pois sustentam que a área pertence há séculos aos xavantes.

Para recuperar a "área sagrada"

A área de terras que os xavantes querem incorporar à sua reserva, no município de Barra do Garças, é atualmente ocupada por nove fazendas e nela se encontram os restos mortais de alguns dos ancestrais mais venerados da tribo. Esse terreno é considerado sagrado pelos índios.

O cacique João Evangelista Babatire, comandante dos ataques, explicou que "o índio perdeu a paciência, depois de reivindicar a terra durante 14 anos, sempre ouvindo promessas dos presidentes da Fundação que passaram pela Funai durante esse tempo. Resolvemos lutar contra a Funai". Ele insiste que a luta não é contra os fazendeiros.

"E também não adianta dialogar agora" — disse o cacique Babatire, irritado com as "informações irreais" que a Funai fornece aos jornais. Por isso mesmo, na semana passada, um dos coronéis da Fundação foi preso pelos xavantes, agredido e mantido um dia inteiro sem alimentação, junto com um piloto da Votec Táxis Aéreos. Os índios contam orgulhosos que o coronel Anael Lemos — o "castigado" — até chorou, "implorando que não o matássemos".

Ao explicar ontem por que não gosta da Funai, o xavante Domingos Maharasco, da aldeia de Dom Bosco, afirmou: "Nosso sonho é ver nossa aldeia com o movimento de uma cidade. É o progresso que queremos. E a Funai, com suas mentiras e sua idéia de que índio é bobo, não deixa que isso aconteça".

Domingos também disse que, apesar de saber que as fazendas estavam sendo guardadas por policiais armados de metralhadoras e outros equipamentos sofisticados, os índios resolveram atacar porque "não dá mais para ficar esperando. Os soldados, se reagirem, vão pagar pelos erros da Funai". Mas a polícia, ao contrário do que deixaram transparecer as ameaças do coronel Anael Lemos, acabou agindo para pacificar, como assinalou o cabo João Vieira de Souza, que estava na fazenda Lança na hora do ataque: "A ordem que recebemos em Cuiabá é para evitar um conflito. O armamento pesado é só rotina".

O proprietário da fazenda atacada na sexta-feira, Livistone Dorcelino Venécio, natural de Goiás, disse que vai protestar junto à Funai e pedir indeniza-

ção pelos dois mil hectares ocupados pelos xavantes: "Não sou contra o índio, mas quero que o governo atenda todos os meus direitos". Além da fazenda Lança, os índios ocuparam mais duas, embora tenham dado um prazo de 30 dias para que seus proprietários tirem todas as benfeitorias da área.

Na área pretendida pelos xavantes de Sangradouro, estão as fazendas Santo Antônio (já atacada), Encantada, Minuano (já atacada), Pindorama (já atacada), Colibri (já atacada), Cabeceira Alta, Moda e Terra Roxa, além da fazenda Lança.

Depois da prisão do coronel Anael Lemos Gonçalves pelos índios, na quarta-feira, a situação se agravou, levando ao ataque a mais essas três fazendas, organizado por João Evangelista Babatire, e executado sexta-feira ao nascer do sol.

No final da tarde de quinta-feira um grupo de dez xavantes deixa a aldeia de Dom Bosco em direção à mata, sob o comando do cacique João Evangelista Babatire. Depois de atravessar o rio das Mortes, os guerreiros vão andar 30 quilômetros pela floresta, alcançando um cerrado onde está a fazenda Lança, o primeiro alvo do ataque.

A caminhada se estende por parte da noite e fica penoso andar pelo cerrado selvagem, cheio de cipós e tocos durante a escuridão. Mas os índios parecem não se importar com isso. Descalços, a maioria apenas de calção, seguem cantando e conversando na língua xavante, não se importando com a presença dos jornalistas que os acompanham à distância. Já é noite, acaba a mata e começa o cerrado.

Eles esperam reação dos fazendeiros, que agora contam com a colaboração de policiais militares de Cuiabá, que seguiram para a mata no fim da semana passada, quando a tensão cresceu. São 21 soldados tratados pelos índios como inimigos.

Logo na entrada do cerrado, os guerreiros são alcançados pelas mulheres da tribo, carregando cestos grandes nas costas onde levam todos os apetrechos indígenas para passar a noite no mato e para a luta.

São 10 horas da noite, começa o ritual de preparação para a batalha.

Índios em pé, ao lado das três fogueiras acesas com a lenha tirada de uma casa velha. É hora da oração. Um Wamama (Pai-Nosso), uma Atsanidi-Maria (Ave-Maria), outro Wamama, desta vez em português (só alguns índios falam bem a língua da civilização). O cacique João Babatire faz pedido de proteção para os guerreiros e para os amigos que acompanham o ritual, que são os jornalistas. Pouco depois, uma fala contundente contra a Funai. Mesmo sem entender a língua xavante era possível perceber que os índios estavam irritados demais para qualquer diálogo. Eles lembram que estão esperando a solução já por 14 anos, recebendo promessas não cumpridas de três presidentes do órgão.

É a vez da estratégia do ataque: João Babatire, acompanhado de seu braço direito, o índio Henrique, sério e de físico forte, pretende entrar na fazenda e anunciar a expulsão. Enquanto isso, os outros 50 guerreiros vão tomar conta de todos os cantos da fazenda, de tal forma que nada fique fora de sua visão. Agora, o jantar: mandioca assada na brasa das fogueiras e um tubérculo, chamado por eles de cará. E a fogueira os aquece da friagem da noite, na hora que decidem dormir, após mais rezas e brincadeiras.

A ansiedade pelo ataque, entretanto, quase não deixa ninguém adormecer, aliada à expectativa quanto à presença militar no alvo escolhido. E às 3 horas da madrugada da sexta-feira, antes do início de nova caminhada que levaria ao "campo de batalha", começa o mais importante ritual do ataque: é o drapo (pintura para guerra), feita com urucum, um fruto que expele tinta vermelha, e carvão. Um quadrado vermelho na altura do peito, uma tira da mesma cor nas costas, franja no cabelo também pintada de vermelho ("é para segurar a coragem na cabeça e evitar que ela fuja"). E o resto do corpo preteado pelo carvão. Penas na cabeça, pulsos amarrados com wedenhoro (corda de embira, que segundo suas tradições, reforça o braço para as lutas corporais), tudo isso à luz das fogueiras e sob o olhar orgulhoso das mulheres que acompanham o grupo. O sol está nascendo. Os xavantes respiram fundo e seguem em fila indiana pelo mato ras-teiro. É hora do ataque.